

21 NOV 1987

Sarney ainda está vivo

O presidente deve ter-se lastimado, quarta-feira última em Porangatu, Goiás, do tempo perdido nas construções políticas sem resultado que consumiram quase três preciosos anos do seu mandato. Depois de reagir, com inesperada habilidade, ao festival de inconseqüências decretado no domingo pela Comissão de Sistematização, o presidente largou o Plano Piloto e voou para o interior de Goiás, a fim de lançar o plano de desenvolvimento do Brasil-Central, programa que vai dar certo porque se destina a incorporar, à economia nacional, as ricas regiões descobertas há trinta anos pelo bandeirante Kubitschek e que ainda hoje se acham só parcialmente exploradas. Foi bom para o presidente. Voltou ao convívio do povo, sentiu o cheiro da multidão, viu que ainda se pode despertar, em cada brasileiro, a chama da esperança e da confiança, sentimento que parecia adormecido. Ficou emocionado, discursou, chorou. O povo o comparou a Juscelino, o maior prêmio. Declarou, então, que vai dedicar-se de corpo e alma aos problemas administrativos do Governo porque já dera a sua contribuição política.

Foi o pulo do gato. Pena que o presidente não o tivesse dado antes

porque, possivelmente, a primeira batalha não teria sido perdida. Pois, se se analisa com isenção o comportamento político das lideranças que infestam o comando do PMDB, sob o amoroso patriarcalismo do Dr. Ulysses, percebe-se, sem grandes dificuldade, que Covas, Fernando Henrique e Severo Gomes, para falar só dos principais, gostam da luta e não da vitória. Estão sempre no palanque contra o Governo, tal como o mexicano da anedota. Não ajudaram a governar durante a transição de que são também fiduciários, só se esmeraram no discurso contra.

Foram esses ardilosos mosqueiros que ganharam a Sistematização, transformando o Brasil do futuro num grande banquete para gáudio da galeria sempre carente de alguém para aplaudir. Inovaram a fórmula de depor um presidente constitucionalmente eleito, reduzindo-lhe o mandato. O que tanto poderá ser feito na elaboração como na emenda da Constituição, porque ambos são atos soberanos. Nesse caso, o tempo de redução não importa, o valioso é o processo, que fica para ser repetido ao longo da vida nacional, suscetível de exportação,

merecedor de Prêmio Nobel. Uma descoberta.

Todavia, constituintes sóbrios estão se perguntando como será possível, tudo em um só ano, 88, renovar todos os diretórios de partidos, concluir a Constituição, elaborar e aprovar o arcabouço legislativo indispensável a que ela seja cumprida, instalar um sistema parlamentarista de governo com milhões de novas nomeações, escolher um primeiro-ministro e um gabinete, e eventualmente derubá-lo, fazer uma campanha eleitoral em novembro para milhares de vereadores e prefeitos, em âmbito nacional, e, um mês depois, em data já prefixada, eleger novo presidente, pelo voto direto. Temem eles que não haja coronárias capazes de resistir a tanto. Se o bom-senso prevalecer no plenário, como se espera, a reversão será inevitável.

Enquanto os líderes perdem-se nessas irrerealidades, o presidente refluí em seu posicionamento anterior, e, mostrando tranqüilidade, volta a governar, desta vez livre de injunções, mas junto ao povo e dele, como se viu em Porangatu, já recebendo aplausos. E bom, portanto, que não se esqueçam os interessados, Sarney ainda está vivo.